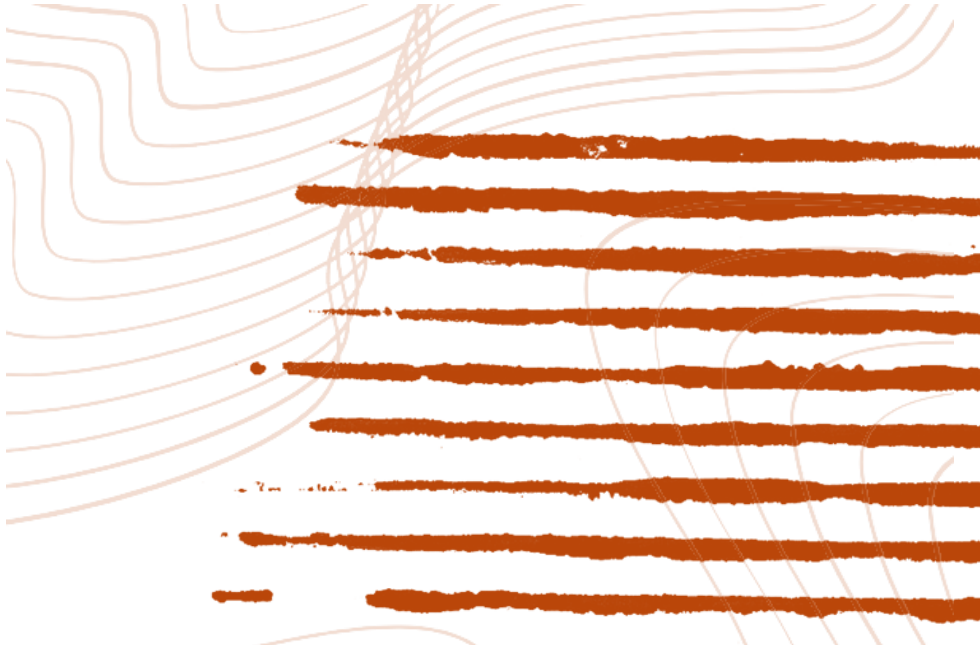


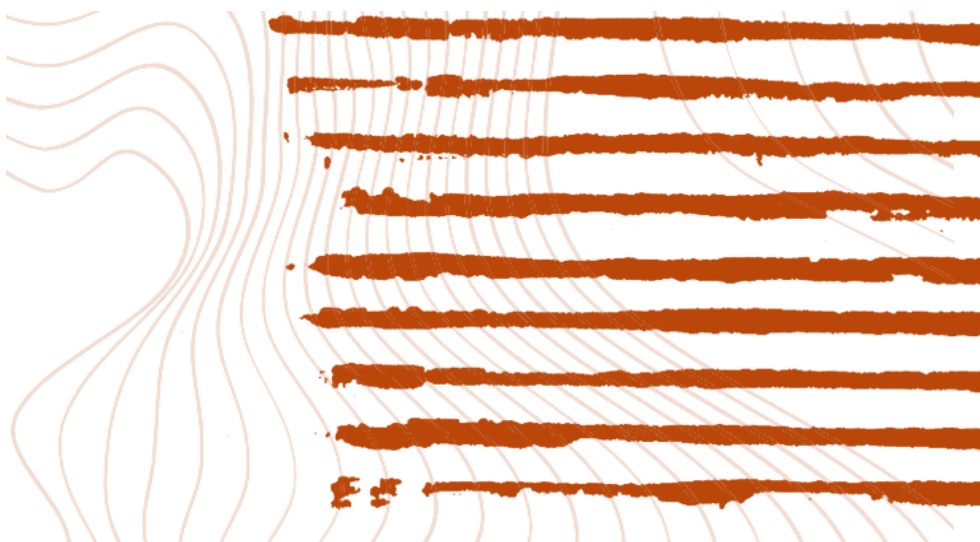
Revista

PAUSA

na Rede



Isabella Koscheck – RJ



Curadoria

Tempo Tem Alma

Projeto Gráfico:

Amanda Leite

Revisão:

Claudia Linhares

Artistas Convidados:

Flávio Cerqueira (SP)

Carolina Kasting (RJ)

Posfácio

Janaina Cabello (UESCar)

Realização:

Tempo Tem Alma (RJ)

Coletivo 50 graus: Pesquisa e
Prática Fotográfica (UFT)

Apoio:

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Plural: curadoria-pesquisa-produção

ISBN: 978-65-01-81666-1

Apoio



PLURAL
curadoria - produção - pesquisa

Realização



Artistas Convidados

Flávio Cerqueira (SP)	08
Carolina Kasting (RJ).....	18

Artistas selecionados

Aguinaldo de Sousa (SP)	37
Alessandra França (DF)	69
Alessandra Vetorazzi (SP)	34
Aline Sampin (RJ)	74
Ana Moura (RJ)	46
Ani Cuenca (RJ)	35
Bia Murad (RJ)	25
Brecio Brizzi (MG)	70
Caio Negreiros (PI)	51
Catarina Sofia (RJ)	30
Cláudio Montanari (TO)	55
Conceição Durães (RJ)	39
Daniel Sul (RJ)	75
Dariane Martiól (PR)	53
Denise Braune (RJ)	59
Dulce Lysyj (RJ)	60
Eda Miranda (RJ)	44
Fil Vieira (RJ)	50
Gabi Coêlho (AL)	47
Gisele Resende (RJ)	67
Gringo Carioca (RJ)	24
Herminio Ilustra (RJ)	68
Isabella Koscheck (RJ)	57
João Paulo (PR)	31
Ketllyn Fernandes (GO)	71
Leila Bokel (RJ)	36
Lina Ponzi (RJ)	61
Ludimilla Matos (TO)	43
Luís Teixeira (RJ)	28
Luiza Vieira (RJ)	48
Marcella Linhares (DF)	58
Marcos Maciel (RJ)	66
Maria Chrisá (RJ)	49
Marina Gonzaga (RJ)	65
Marjorye Goulart (SC)	64
Míriam Ramalho (RJ)	41
Natalia Lima (RJ)	62
Nathy Bomfim (RJ)	56
Patrícia Cabral (TO)	38
Priscilla Ramos (SP)	72
Rafaela Jemmene (SP)	76
Rafaela Novaes (PE)	42
Rosana Cacciatore (SC)	29
Silvana Soriano (RJ)	33
Sonia Gil (Berlim/Alemanha)	63
Sthefan Leal (SP)	26
Susy Rose (RJ)	73
Taty Arruda (RJ)	27
Vivian Parastchuk (RS)	52
Zarela Díaz (PE)	54

Posfácio Janaina Cabello (SP)	78
--	----

Sobre nós	79
------------------------	----

Desde que me entendo por gente sempre trabalhei com arte! No meu caso, há mais de 35 anos, fiz: gestão de carreiras, shows, álbuns, produção e eventos de nomes consagrados da MPB. Passei por todo o universo musical mas, a vontade genuína de participar e de conhecer outros caminhos fez nascer a *Tempo Tem Alma!* Um guarda-chuva de possibilidades que dá abrigo à arte em suas diversas linguagens.

Ter a oportunidade de reeditar a Revista Pausa na Rede trouxe a alegria de trabalhar novamente com muitos talentos. São obras e produções efervescentes da Arte Contemporânea que fazem meu coração se encher de felicidade! Junto desta movida, vem a certeza de seguir acreditando no poder transbordante e, ao mesmo tempo, único de criar pontes para que a arte se mostre e, também te atravesse!

Na 4ª edição da revista o tema "Cotidiano" provocou artistas a responderem visualmente as seguintes questões: *Como o cotidiano te move? O que ele te trás? O que vai? O que permanece?* Aqui o cotidiano é propositadamente amplo, e se mostra igualmente único, a partir do olhar de cada artista!

Boa leitura!

Claudia Linhares
@claudialinhares
Editora

Talvez o tema "cotidiano" seja um dos mais inspiradores para nós, artistas. É que as coisas diárias, da ordem do comum, muitas vezes abrem convites, passagens a outros fluxos de pensamento, de escrita, de imagem.

Na filosofia, amparados pela produção de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Henri Bergson e Friedrich Nietzsche, por exemplo, entendemos que os afetos dados pelo cotidiano podem gerar movimento, entradas, intervenções seja pelo corpo atravessado por outrem, seja pela mudança crítica na forma de olhar, seja ainda por experimentar outros gestos... Do singular ao plural compartilhamos encontros, produzimos sentidos, criamos mundos e narrativas.

A 4ª edição da Revista Pausa na Rede exhibe a multiplicidade de técnicas e de materialidades usadas por 52 artistas brasileiros, espalhados de Norte a Sul do país. Cada artista expande o tema cotidiano a seu modo, ocupando um lugar de fala e de posicionamento carregando consigo questões territoriais, identitárias, representativas, memórias afetivas que transbordam na escrita, na pintura, na fotografia, na videoarte, na serigrafia, na colagem, nos objetos e nas linhas que tecem a diversidade desta edição.

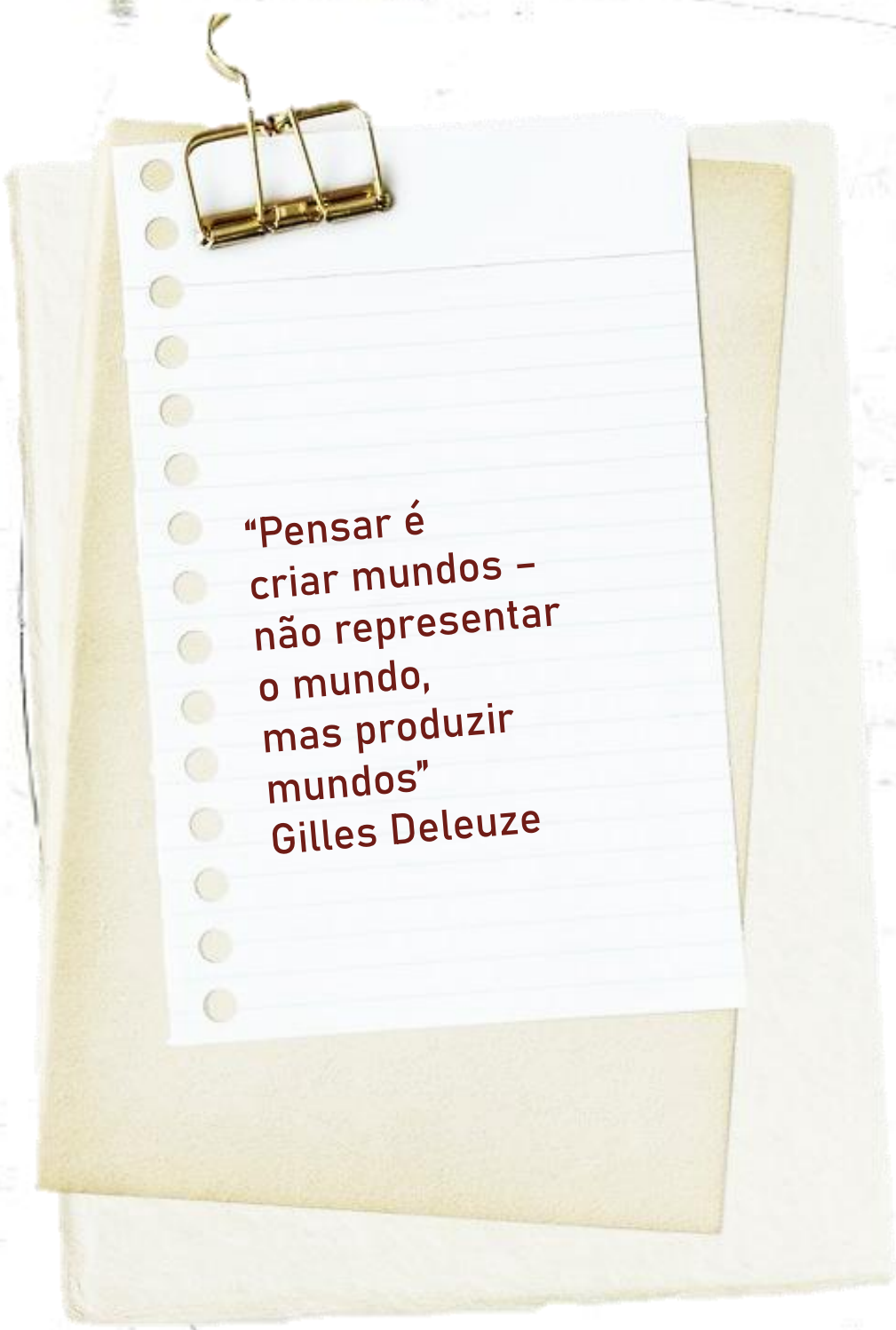
Desejamos ao leitor uma grande pausa! Tempo de outra ordem! Com Alma! Que haja fôlego para este mergulho. Que haja deleite e reflexão diante de um tema que também é seu e que às vezes te escapa...

Por mais pausas no cotidiano!

Amanda Leite
@amandampleite
Editora e Redatora

... ..
PÄUSÄ...

pausa...



**“Pensar é
criar mundos –
não representar
o mundo,
mas produzir
mundos”
Gilles Deleuze**

ARTISTA

CONVIDADO



Flávio Cerqueira - SP

trabalha com os processos tradicionais de fundição em bronze e tem a figura humana como protagonista de sua poética. Explora de maneira única narrativas pessoais, históricas e por vezes ficcionais para problematizar questões de classe, identidade, raça e gênero. A presença de objetos do cotidiano, como espelhos, livros, sinalização de trânsito ou escritas de pichação cria tensão com as figuras humanas de bronze fora de escala em uma tentativa de desfocar as fronteiras entre a escultura, o espaço arquitetônico e o espectador. Cerqueira usa a escultura como ferramenta para imobilizar o instante, o momento do fragmento de uma ação, onde o espectador se torna coautor na produção de significados para dizer que a narrativa tem um início com finais diferentes.

@flavinhocerqueira

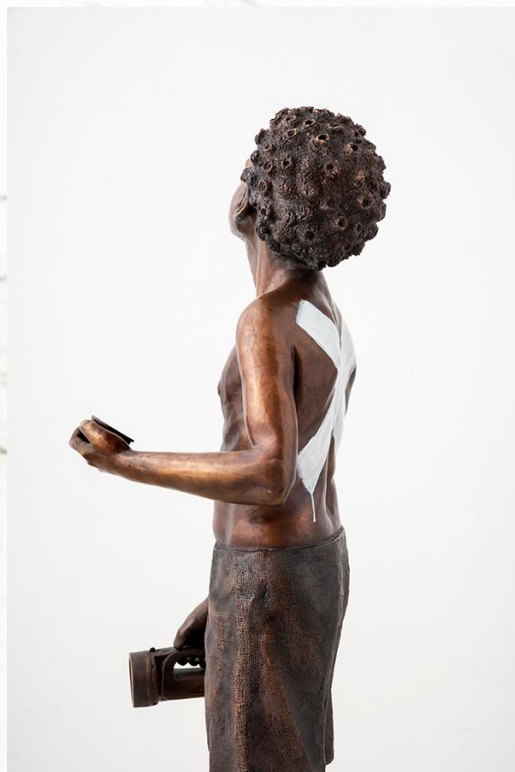
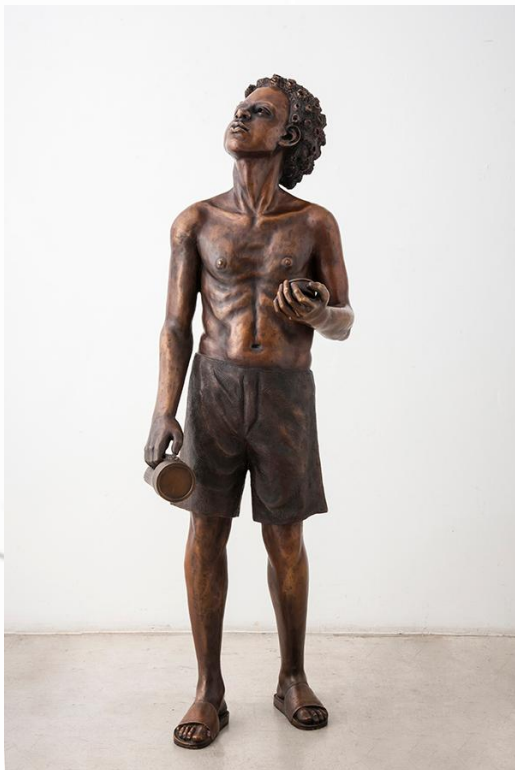


Flávio Cerqueira - SP

Onde tudo acaba em mim | 2021

Tinta Latex sobre Bronze - 140 x 40 x 53 cm

Foto: Romulo Fialdini



Flávio Cerqueira - SP

Onde tudo acaba em mim | 2021

Tinta Latex sobre Bronze - 140 x 40 x 53 cm

Foto: Romulo Fialdini



Flávio Cerqueira - SP

Amnésia | 2015

Tinta Latex sobre bronze

137 x 30 x 26 cm

Foto: Romulo Fialdini



Flávio Cerqueira - SP

Amnésia | 2015

Tinta Latex sobre bronze

137 x 30 x 26 cm

Foto: Romulo Fialdini



Flávio Cerqueira - SP

Pretexto para te encontrar | 2013

Pintura automotiva sobre bronze e cabos de aço

209 x 50 x 50 cm

Foto: Edouard Fraipont



Flávio Cerqueira - SP

Pretexto para te encontrar| 2013

Pintura automotiva sobre bronze e cabos de aço

209 x 50 x 50 cm

Foto: Edouard Fraipont



Flávio Cerqueira - SP

Eu te disse... | 2016

Bronze e Livros

Dimensões Variáveis

Foto: Romulo Fialdini



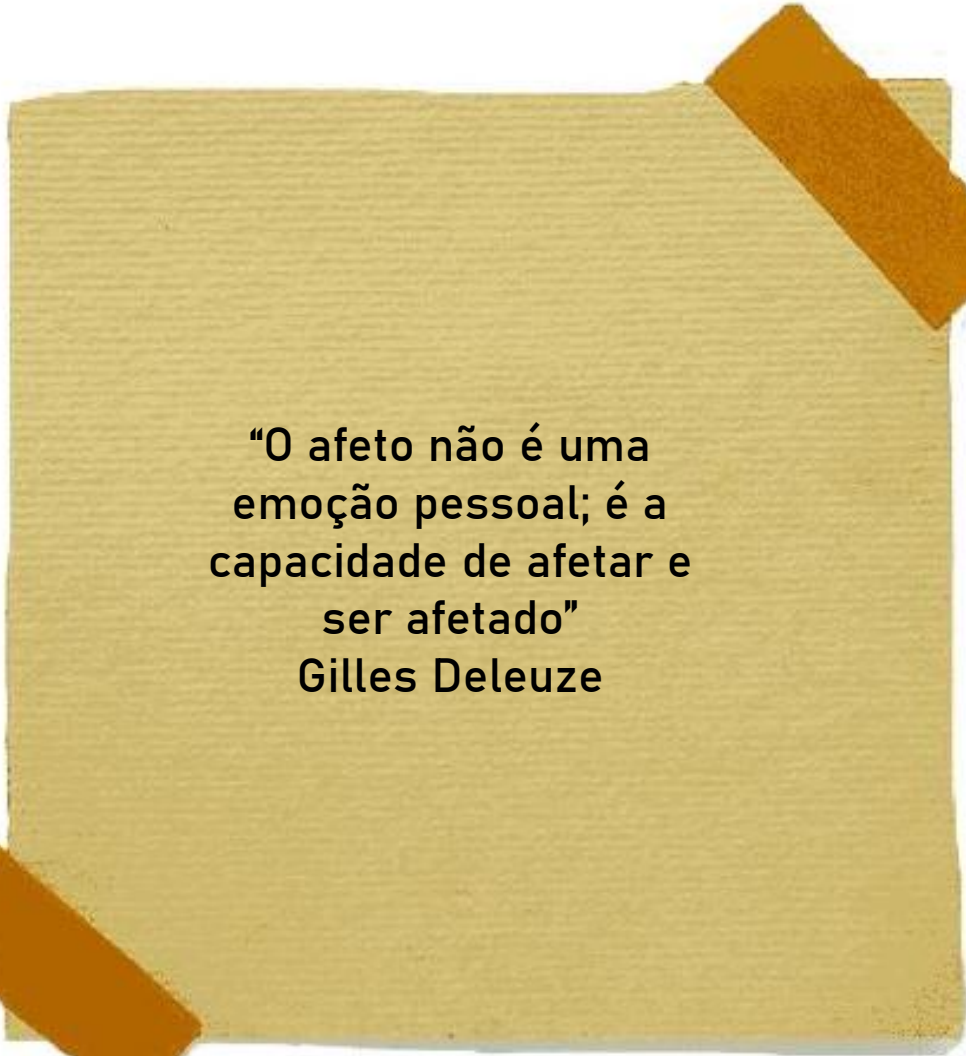
Flávio Cerqueira - SP

Eu te disse... | 2016

Bronze e Livros

Dimensões Variáveis

Foto: Romulo Fialdini



**“O afeto não é uma
emoção pessoal; é a
capacidade de afetar e
ser afetado”
Gilles Deleuze**

ARTISTA

CONVIDADA



Carolina Kasting - RJ

é multiartista, performer e poeta. A artista trabalha com múltiplos meios como fotografia, vídeo, pintura, escultura e instalação ativados como lastros da ação performática. Utiliza material de reuso e técnicas de tessitura ancestrais como costura, tricô e crochê para falar do tempo não linear e da transfluência (Nêgo Bispo, 2015) de técnicas ancestrais na contemporaneidade.

@carolinakasting_art

Estou exausta.
Deito no sofá, entre a vigília e o sono.
Pernas doloridas, sinto a pele grudar no couro.
Tenho sono, quero dormir.
A silhueta do meu corpo me seduz.
Sinto prazer pelo contorno, enquanto dói a
dialética do estômago, ninho de tristeza.
Sinto-me triste, penso que a vida é assim.
Que será sempre assim. Não será.



Carolina Kasting - RJ

Ruínas I

Fotografia 60x40

De onde nascem as alegrias?
Dos instantes mais lindos.
Dos simples acasos.
Dos limites dos corpos.
Da materialidade dos sonhos.
Sonhei que abria fendas na pele.
Me perguntei se era uma forma de atravessar.
Conseguiremos nos abraçar?
Ou estarão todos extintos, os abraços.



Carolina Kasting - RJ

Ruínas II

Fotografia - 60x40

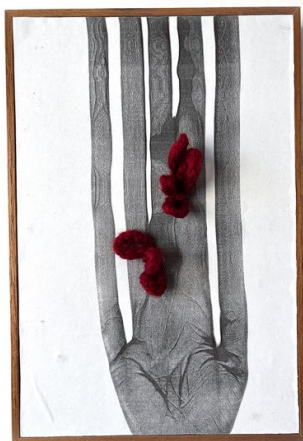
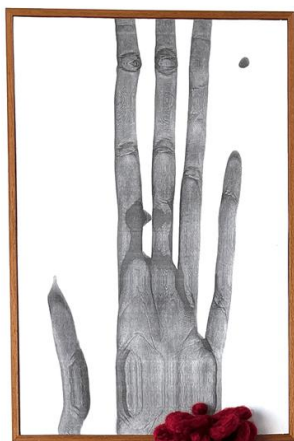
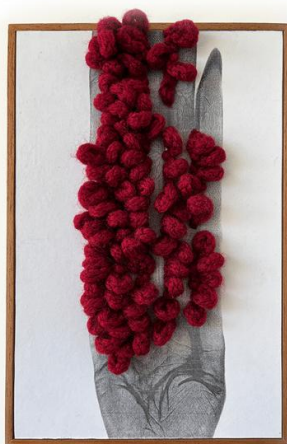
As mordidas mais profundas.
Não, só preciso de silêncio.
O futuro não existe mais.
Não podemos alcançá-lo.
O tempo voltou-se para trás.
O instante. O agora.
Não é preciso desesperar.
Podemos nos perder.
Na contraluz do meu corpo.



Carolina Kasting - RJ

Ruínas III

Fotografia - 60x40



Carolina Kasting - RJ

série "Mão de Jabuticabeira, Brasileira ou Hipólita, Maria
Dorotéia e Bárbara Heliodora, as Inconfidentes" | 2023
tríptico, lã sobre fotocópia do corpo, 30x20cm.

A piece of torn, gridded paper with a quote by Friedrich Nietzsche, mounted on a textured brown background. The paper has a light blue grid pattern and a torn, ragged edge. The quote is written in a dark red, serif font. The background is a textured, brownish-gold material, possibly cardboard or heavy paper, with a rough, torn edge. The entire composition is set against a white background with faint, thin, brown lines forming a geometric pattern at the top and bottom.

**"Todo pensamento
profundo nasce
de um afeto"
Friedrich Nietzsche**

DIA APÓS DIA O DIA APOSTA NO DIA A DIA

Gringo Carioca – RJ

2020|2025

Arte digital



72

Bia Murad – RJ

Labuta Diária | 2025

Colagem analógica - 27cm x 21cm



Sthefan Leal – SP

@sthefanleal

Filtro de Barro | 2025

Pintura - 40 x 50 cm



Taty Arruda – RJ

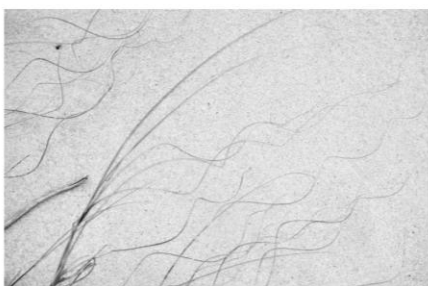
@tatyarruda

Sem Água Morreremos | 2025

Pintura - 70 x 90 cm



Luís Teixeira – RJ
@mendesluisteixeira
Autorretrato | 2024
Fotografia



Rosana Cacciatore – SC

@cacciatorerosana

A origem do mundo | 2025

Fotografia

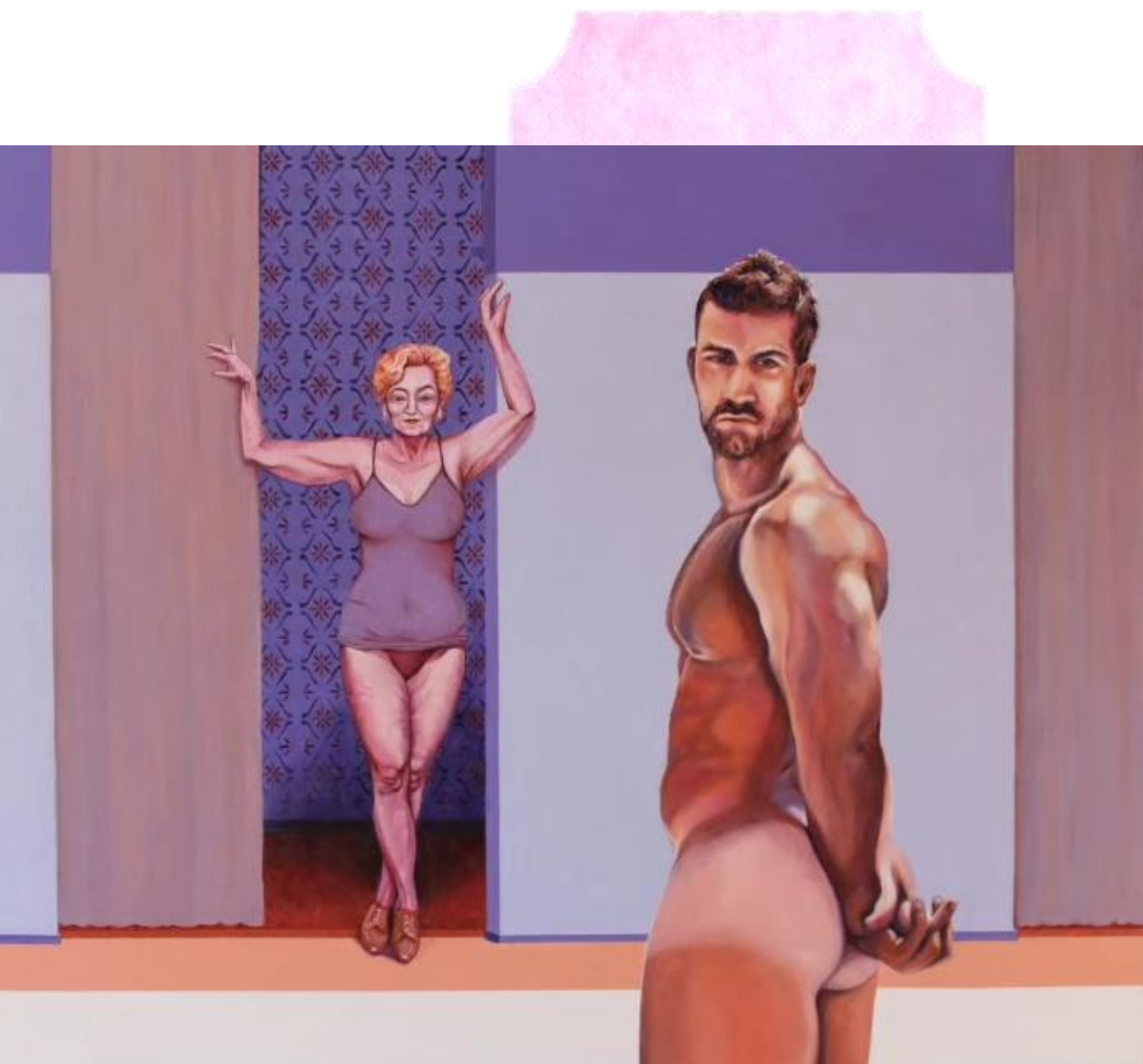


Catarina Sofia – RJ

@katemina

A fruta da minha terra | 2025

Escultura cerâmica,
pedras, verniz - 16 x 06 x 03 cm

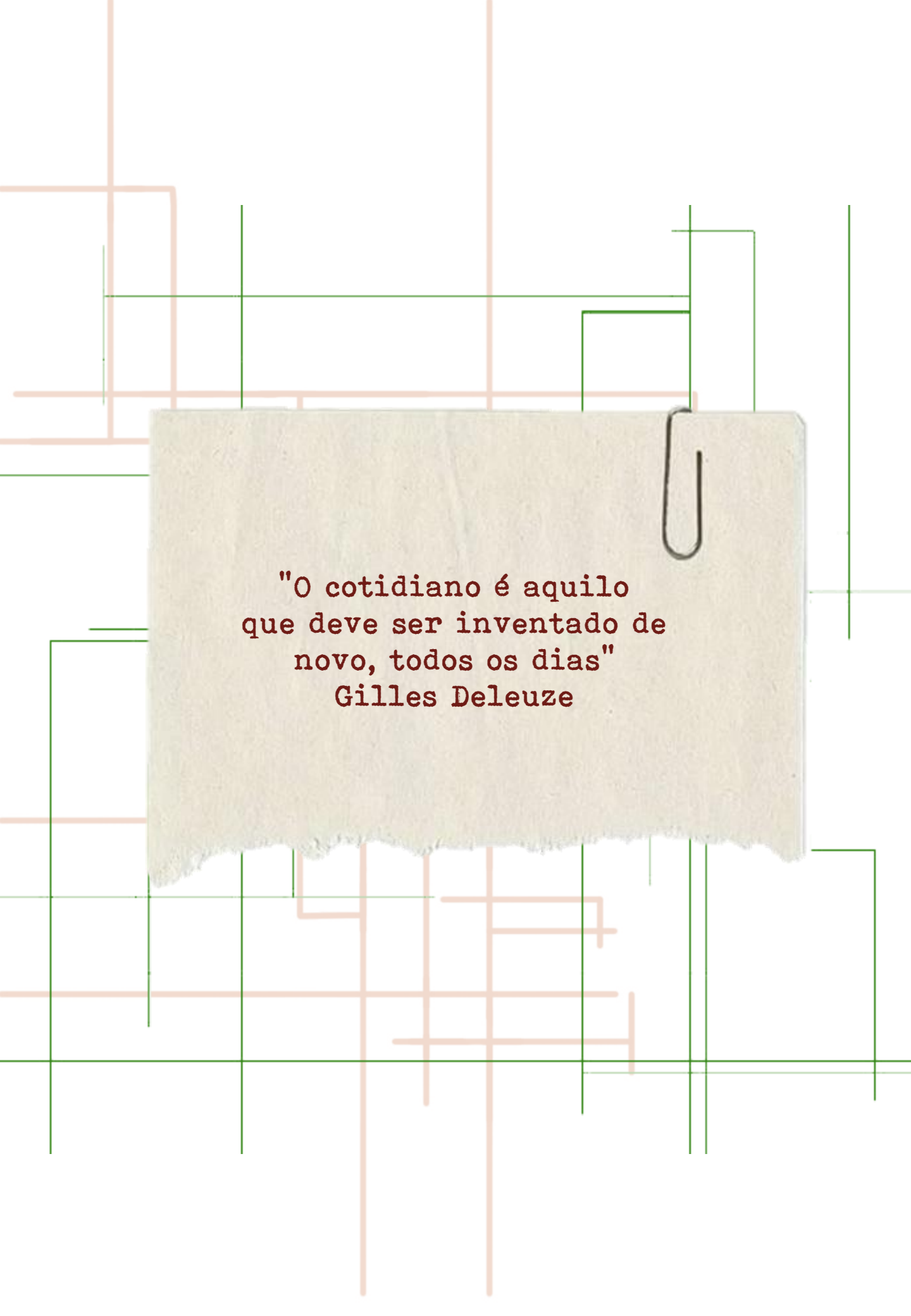


João Paulo – PR

@joaopaulo.arte

Masterful - e por que não?! | 2024

Pintura - 90 cm x 70 cm



"O cotidiano é aquilo
que deve ser inventado de
novo, todos os dias"
Gilles Deleuze



Silvana Soriano – RJ
@Silvanasorianoart
Maria | 2025
Colagem em tela - 122 x 92 cm



Alessandra Vetorazzi – SP

@alessandra.vetorazzi

Corpo | 2022

**Série corpos fio de algodão
bordado, vagem de semente**

115cm x 70cm x 15cm



Ani Cuenca – RJ

@anicuenca

Sem título | 2024)

Colagem e assemblage - 50 × 40 cm



Leila Bokel – RJ
Guardador de cocos – 2025
Fotografia



Aguinaldo de Sousa – SP

@mundodeguiartes

Fragmentos Conjugais (Parte 1) | 2025

Desenho - 25 x 27 cm

Faltava uma cadeira

Patrícia Cabral – TO

@patycabral__

Faltava uma cadeira | 2025

A primeira coisa que percebi ao entrar foi que faltava a cadeira de fio. Ela ficava logo ali em frente às escadas em que se descia para os fundos. Era uma cadeira ordinária de fio azul, dessas antigas que se usa muito no interior. De tão gasta, tinha espaços no assento que eram sanados com almofadas que já haviam tomado o formato exato do corpo de quem as usava. Era só uma cadeira, mas ela não estava mais lá. Durante muitos anos vi meus avós se sentando nessa cadeira e era quase que um não dito que a cadeira era deles. Sentia que havia um certo privilégio em usá-la. Quando tentava na infância, minha mãe logo me dava um daqueles olhares de mãe, de quando você está fazendo o que não devia, e um comentário contido na frente de todos, no que prontamente minha avó respondia: —Deixa a menina, tem nada não! Pode ficar, minha fia. Era a cadeira dos fumantes também, na minha infância. Mas com o tempo as pessoas da família pararam de fumar. Era a cadeira que meu vô recostava com a camisa aberta e a barriga de lua pra fora, pra tomar um fôlego assim que chegava do calor da rua. Era a cadeira que minha avó semanalmente se sentava para fazer as unhas. Ela estava sempre de unhas pintadas, faça chuva ou faça sol. Proseava com a manicure que já havia uns muitos bons anos fazia o caminho de subir a rua do Horto e vencer as casas que as separavam para fazer-lhe as unhas às quartas à tarde. Tinha uma vida muito regrada financeiramente, mas as unhas eram parte das despesas fixas, não tinha negociação. Foi naquela cadeira também que tantas vezes me aconcheguei no colo de vovó pra escutar suas histórias. Tinha uma do sapo que subia ao céu escondido num violão pra participar de um baile de pássaros que não fora convidado e que na volta se esqueceu da carona, foi varrido do baile e se esborrachou no chão. Amava essa história. Ficava imaginando a festa, o sapo, o peso do violão. Por isso o formato dos sapos, claro! Meus choros eram acolhidos ali também. Fui uma criança muito carente de olhar. Vovó via isso e me oferecia o seu sem parcimônia. Me acalentava no colo pra abrandar as regras dos outros adultos, pra me acalmar de uma confusão com as crianças, pra me fazer sentir amada e pronto.

Não era uma cadeira pra trabalho, essa era outra, a da ponta da mesa de pedra branca, que também tinha uma almofada no assento pra vovó sentar. Aquela era a cadeira do descanso. Do prazer. O lugar que se sentava para observar a beleza do ordinário. O quintal do seu velho casarão. As flores brotando no canteiro. Os sons e cheiros do mundo que criou em torno de si. Era só uma cadeira de fio mas pra mim era a presença invisível dela ali. Como se ela fosse a qualquer momento voltar e se sentar na cadeira de fio azul, assim como as ararinhas voltando para as árvores do quintal no fim do dia que ela tanto amava. Mas nessa segunda visita à casa dela depois que ela partiu eu não encontrei mais a cadeira. A casa estava diferente, claro. Por que não estaria? A vida seguiu, reformas foram feitas, móveis atualizados, porta-retratos mudados. A um olhar desatento as coisas estariam talvez muito parecidas, mas pra mim era tudo estranho. Tudo igual e tão diferente. Já havia cerca de 7 anos que minha avó falecera. Meus avô havia partido um bom par de anos antes, o que a debilitou sobremaneira a saúde e a alegria. Não sei se contei, mas não fui ao velório deles. Não queria essa lembrança. Queria manter comigo a figura deles saudáveis e bem, então não fui. No fundo talvez não quisesse encarar a realidade ou não me sentisse capaz de lidar com mais essa dor naquele momento. Não sei. Fiquei meio anestesiada. Lembro que fui pro trabalho e segui avida em modo de guerra como eu costumo fazer quando as situações são muito sérias e ameaçam me destroçar. Eu sigo. Vovó morava a quase 1000 km e nos víamos umas 2 vezes por ano, então gostava de pensar que ela seguia lá, bordando na varanda de tábuas, e que numa viagem de feriado nos encontraríamos de novo. Segui assim, chorando sua ausência muitas vezes, confortando-me com essa ilusão tantas outras. Até que faltou a cadeira. A cadeira. E de repente meu mundo desabou. Me dei conta de que ela não estava mais lá. Havia outras histórias sendo escritas. Não havia mais bagunça no porão. Não havia sofá quebrado sendo segurado por um pedaço de madeira na sala. Nem estante velha quase caindo. Nem toca-discos. Não havia os retratos dos netos e bisnetos que vovó tanto amava exibir numa coleção nas paredes. E não havia cadeira. Era um fato. Era hora de encarar que minha vó não estava mais ali. Faltava ela. Faltava chão. Faltava lugar pra mim no mundo. Ela é o meu amor de infância. E é a saudade da minha vida inteira.



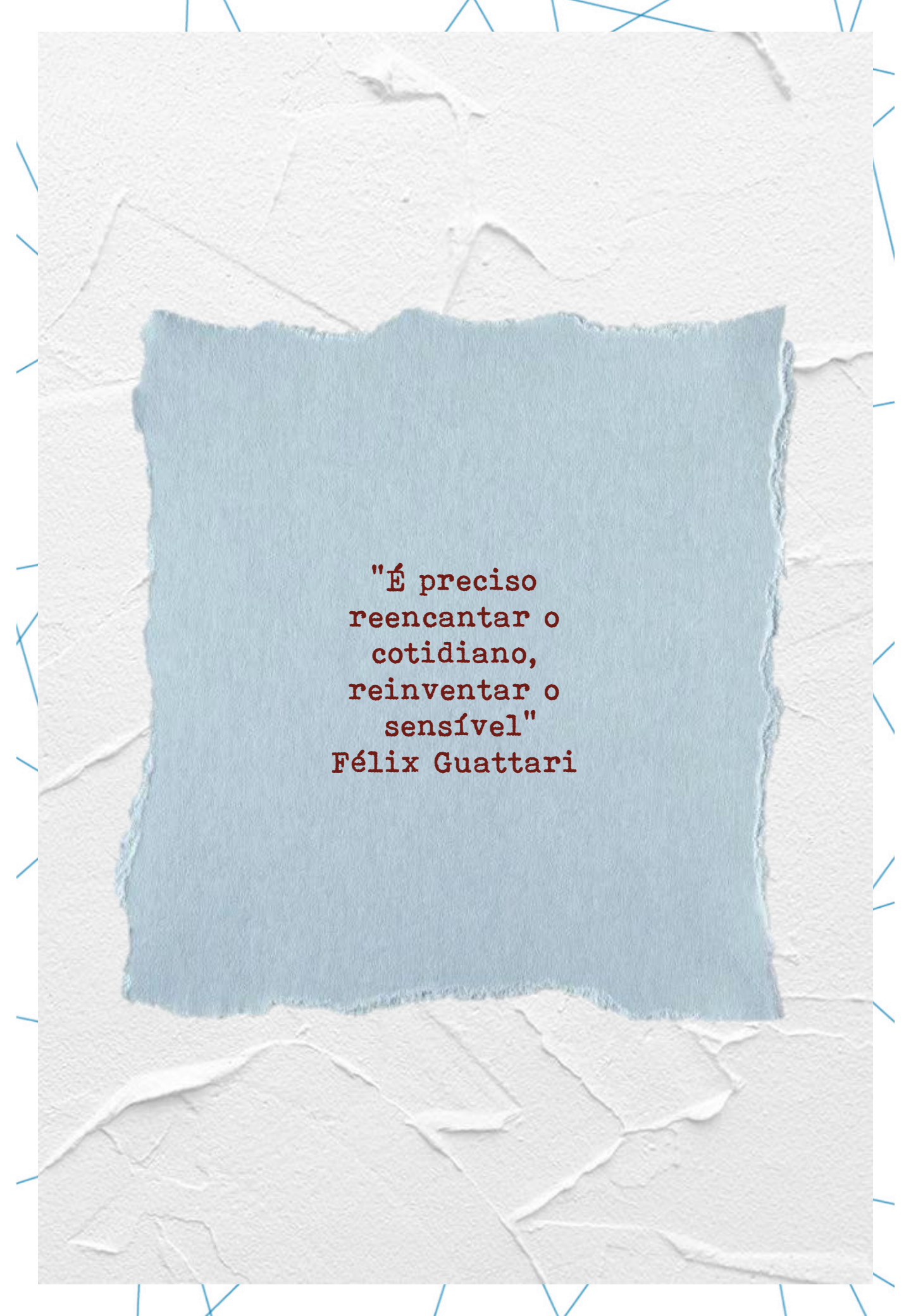
Conceição Durães – RJ

@mcoinha@gmail.com

Ainda haverá saída? | 2019

Série: Paisagem Urbana

Fotografia - Desenho - Pintura - 40 X 70 cm



**"É preciso
reencantar o
cotidiano,
reinventar o
sensível"
Félix Guattari**



Míriam Ramalho – RJ
Guardador de cocos – 2025
Fotografia



Rafaela Novaes – PE

Mãos que fazem | 2025

Fotografia



Ludimilla Matos – TO

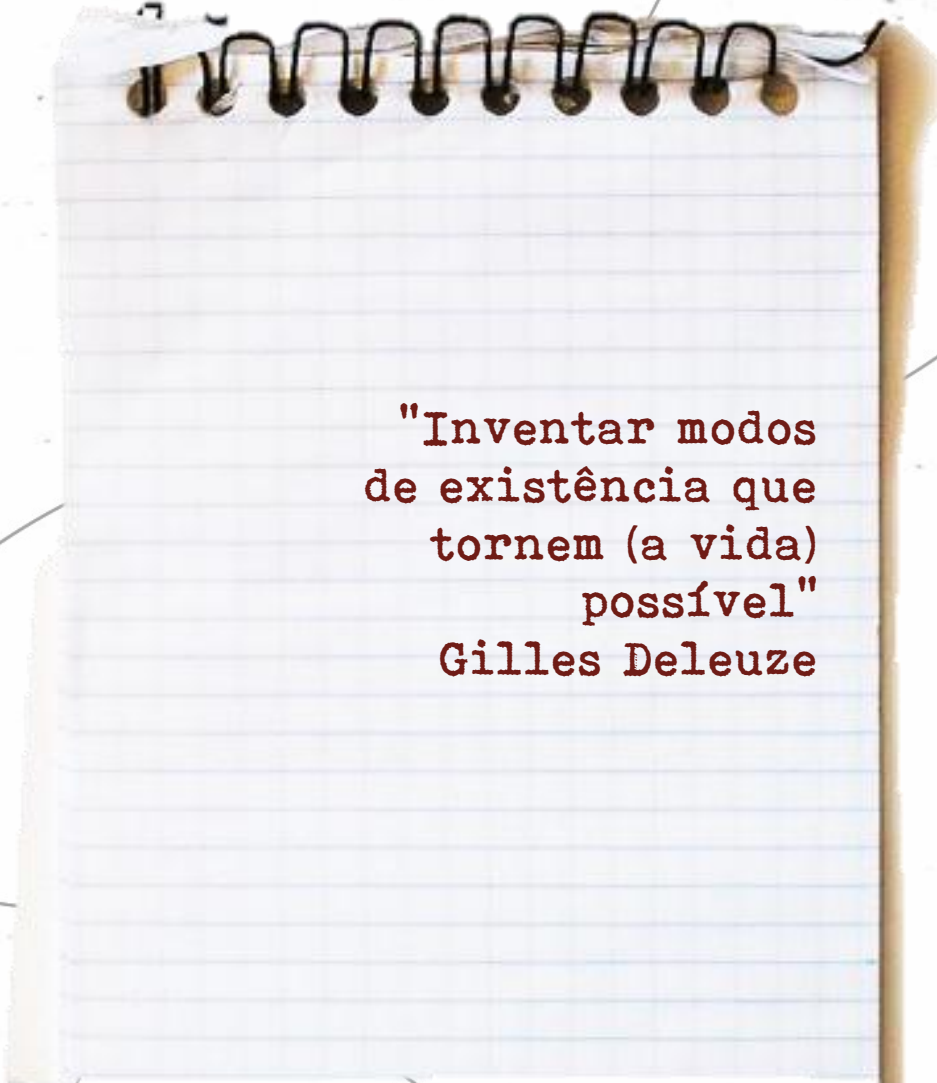
Praia dos Buritis | 2023

Fotografia



Eda Miranda – RJ

Vestígios que o mar leva | 2025
Videoarte

A spiral-bound notebook with a black metal spiral binding at the top. The notebook is open to a page with light blue horizontal ruling. The page is slightly aged and has some faint, dark smudges. The quote is written in a dark red, serif font. The notebook is placed on a white surface with some faint, dark smudges. There are several thin, dark, curved lines drawn around the notebook, some starting from the top and bottom edges and ending in small dots.

**"Inventar modos
de existência que
tornem (a vida)
possível"
Gilles Deleuze**



Ana Moura – RJ

@anamoura0352

Esperando a Van | 2015

Pintura - 100cmx80cm

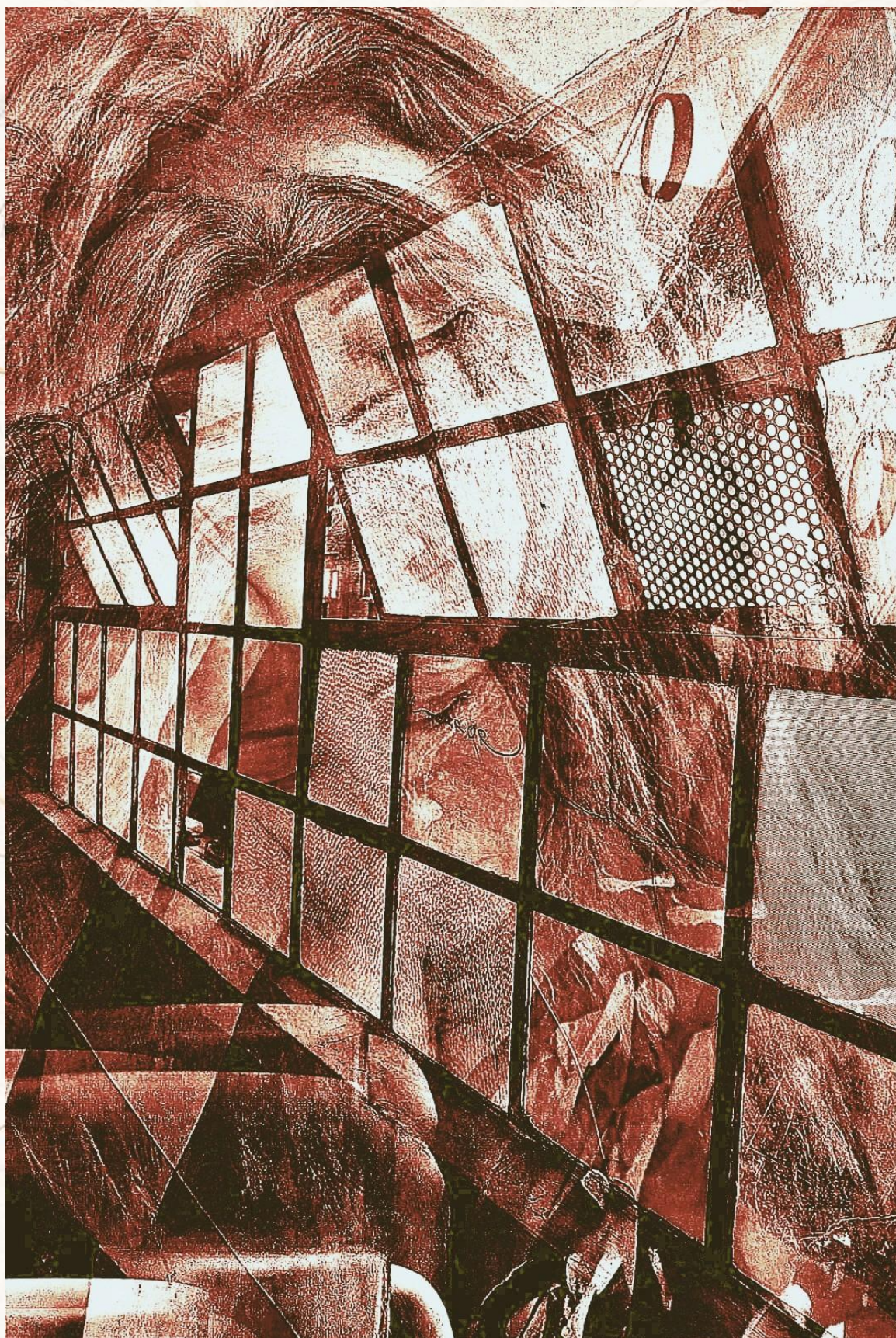


Gabi Coelho – AL

@gabicoelho_experimental

Autorretrato| 2025

Fotografia



Revista Pausa na Rede Nº 4 | 2025
ISBN: 978-65-01-81666-1

Luiza Vieira – RJ
@luiza.vieira.art
Frestas | 2025
Arte digital com fotografia
80cmx140cm



Maria Chrisá – RJ

@mariachrisa

Disconnection | 2022

Fotografia



Fil Vieira – RJ

@fil.that

Sem título | 2025

Foto escultura | foto colagem



Caio Negreiros – PI

@caionegreiros

Sem título | 2025

Fotografia

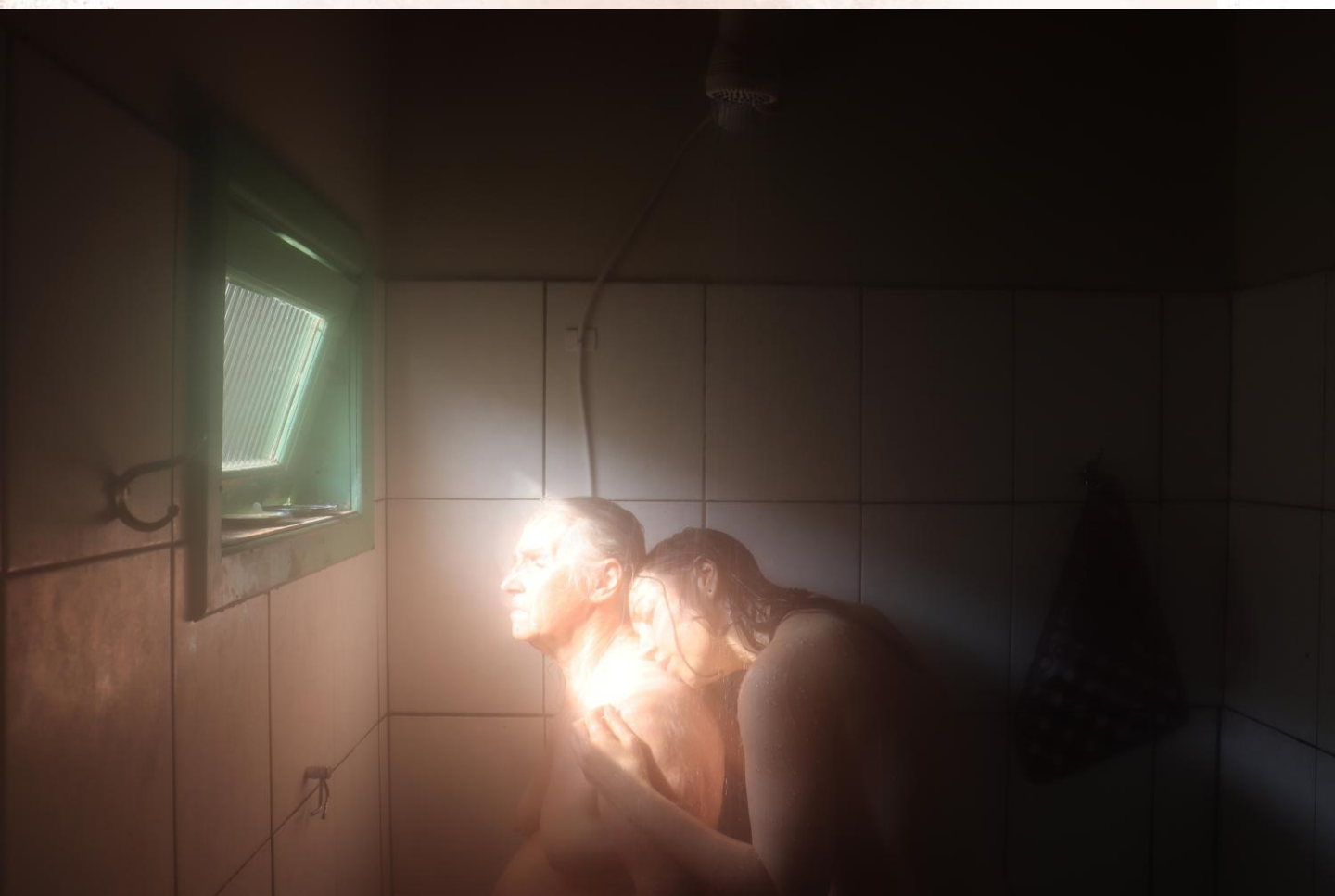


Vivian Parastchuk – RS

@vivianparastchuk

Precipitação | 2025

Fotoperformance



Dariane Martiól – PR

@dmartiol

A água cai e com ela o tempo escorre | 2024

Fotografia



Zarela Díaz – PE
@zarela_diaz_fotografia
Solidão | 2025
Fotografia

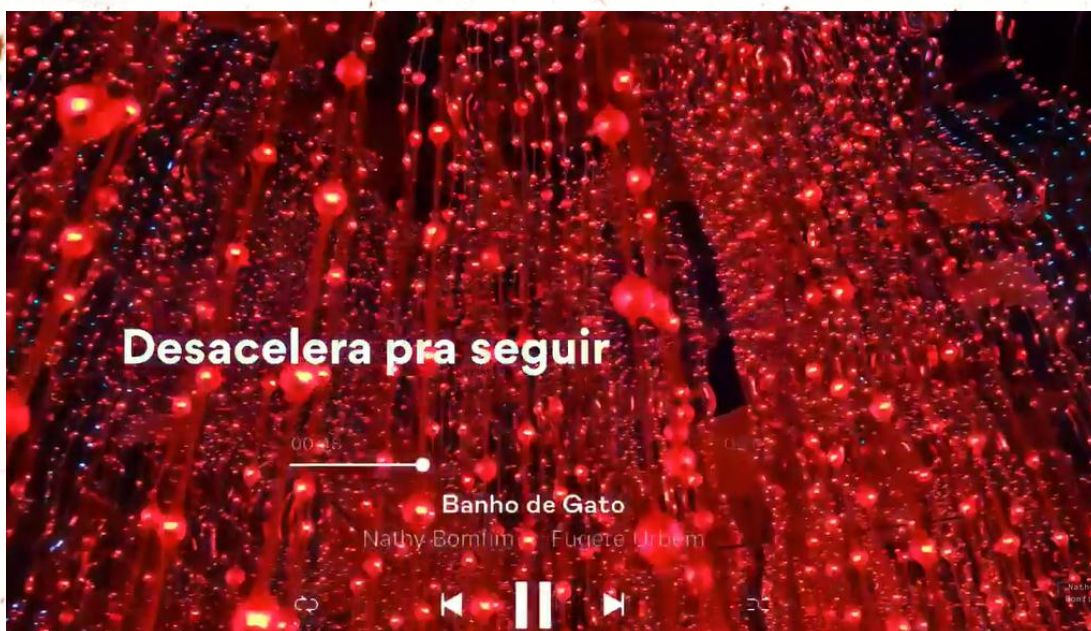


Cláudio Montanari – TO

@montanariantunes

18:24 | 2024

Serigrafia sobre papel 59,4 X 42cm



Nathy Bomfim – RJ

@nathybomfim

Banho de gato | 2020

Videoclip

Ficha Técnica:

Composição : Nathy Bomfim

Intérprete: Nathy Bomfim

Produção Musical: 39D.Studios

Violão: Juan, o Mago

Saxofone: Nathy Bomfim

Bateria: Paulinho MacLaren

Baixo: Sérgio Carvalho



Isabella Koscheck – RJ

@isabella_koscheck

Sonhos nascem | 2023

Fotografia

Nostalgia do Útero

Às vezes gosto de desligar o ar-condicionado no meio da noite, só para o quarto ficar quentinho como o útero. É que tenho saudades do meu tempo lá, quando era só um projeto. Um projeto da minha mãe e do meu pai. Tenho dificuldade em ser. A gente tem que ser alguma coisa na vida e eu queria poder ser só Marcella – com dois eles. Na cabeça dos meus pais dobrar o ele era coisa refinada. Parece que era moda da época. Mas na prática só serve para ter que ficar repetindo: “é Marcella com dois eles”. Meio chato isso, mas não podia palpar no meu nome. E, se fosse menino, me chamaria Rodrigo Otávio. Já ia nascer sofrendo bullying. No meu irmão, colocaram João Paulo, em homenagem ao John e ao Paul – ideia do meu pai, que é “beatlemaníaco”. Depois vieram Antônio e Joaquim, filhos só do meu pai, que se safaram dos nomes compostos.

Até que gosto de Marcella, me soa um tanto atemporal. Raramente tinha uma Marcela na mesma turma, e isso me fazia única. Especial, mesmo, só me senti quando um namorado disse que eu era exuberante. Tinha medo de terminar com ele e ninguém mais me achar assim, e foi justamente o que aconteceu.

Não sei bem quem escolheu esse nome, mas acho que combina comigo. Parece que foi minha mãe. Ela é uma pessoa enérgica. A voz dela está sempre ecoando na minha cabeça. Sempre me senti pequena perto dela, mesmo quando ela começou a envelhecer e encolheu. Ela também gritava fora da minha cabeça. Mas atualmente eu berro com ela, só para revidar. Quero devolver todos os berros que recebi. Não deixo eles ficarem entalados, porque precisamos dar o troco. Acho que é isso que faz a gente se erguer todos os dias. Têm dias que não tenho vontade de levantar, porque minha cama, quentinha, me lembra de quando morava no útero. E eu até gostava de lá. Acho dificultoso viver, por isso, preferia não ter nascido.

Meu avô era a pessoa que mais me entendia. Talvez porque gostasse das pessoas subversivas e eu sempre fui um pouco rebelde. Foi a pessoa mais inteligente que conheci: aprendeu a falar várias línguas por conta dele. Aprendeu até a ser Engenheiro sem ir para faculdade.

Éramos muitas crianças, então a gente era tratado meio como linha de produção. No Natal, era um presente para cada dois irmãos. Uma vez ganhei um disco do Bozo, porque o meu irmão era fã do palhaço apresentador. Não tinha muito espaço pra individualidade na minha família e eu até gostava, porque prefiro não ser notada. Sempre acho que se me olharem bem dentro do olho, vão enxergar a minha alma selvagem, e eu prefiro que ela fique escondida. Por fora sou até jeitosinha – exuberante só esse namorado achou – mas por dentro sou primitiva. A minha aparência destoa um pouco do meu interior. Só que hoje em dia ninguém quer ver ninguém por dentro. Então finjo que sou delicada, mas no fundo sou selvagem, até um pouco bárbara. Acho que herdei esse lado primitivo dos meus antepassados, piratas holandeses que vieram para o

Brasil em um navio saqueado. Até a cor de pele herdei deles, porque sou um pouco laranja. Certa vez, minha madrastra disse, num tom de gozação, que a minha cor era encardida. Ela tinha a pele bem alva, e a minha era esturricada pelo sol, porque ninguém lembrava de passar protetor solar em criança naquela época. Me senti ofendida, porque era selvagem, mas era limpa. Uma ocasião, peguei sarna nem sei como – eu e meu irmão – e meu pai teve que cobrir o banco do carro com um lençol para não contaminarmos outras pessoas. Pensando bem, ela não devia me achar tão limpinha assim. Que tipo de criança pega sarna? Eu não conhecia nenhuma. Só eu e o meu irmão mesmo. Tenho tanta história, que não caberia em uma crônica íntima sobre o meu desejo de nunca ter saído do útero, então prefiro as engraçadas, porque a vida é dura para a maior parte das pessoas e me incluo nessa parte. Às vezes, na sessão de terapia, sinto vontade de chorar, mas prendo o choro, porque nasci no subúrbio e lá a gente aprende a guardar o choro. A vida é metálica como trilhos de trem, e a gente precisa ser um pouco de ferro também. Fui uma criança angustiada, mas a minha mãe não tinha tempo pra essas coisas. Quando eu ficava ansiosa, ela me botava pra fazer hemograma completo. Onde já se viu menina do subúrbio ter angústia? Isso era coisa pra gente rica, que podia sentir emoções variadas.

Eu não pedi pra nascer, mas nasci até um pouco antes da data prevista, porque a minha mãe levou um tombo na rua e levaram ela pro hospital. O médico achou que já era hora d’eu estrear no mundo – não concordei com ele – mas acabei nascendo mesmo assim.

Ainda por cima meu pai estava viajando e não estava junto no parto. Depois ele ficou pouco tempo com a gente, uns quatro anos e foi embora. Nessa época, pai ia embora e deixava mãe e filhos. Hoje em dia não. O Chico Buarque até fez uma música censurada pelas feministas, porque dizia que ia deixar mulher e filho, para ficar com uma moça mais nova. Meu pai, que também veio do subúrbio, ganhou o mundo. De vez em quando, mandava um cartão postal do lugar onde estava ou trazia um presentinho, para mostrar que tinha lembrado de mim. Uma vez ele me trouxe uma mochila de coala que era tipo um bichinho de pelúcia, pra usar colada ao corpo. Eu amei aquela mochila, porque ela era linda e evocava as viagens do meu pai.

Meu avô, que não tinha dinheiro para viajar, me levava no aeroporto, para assistirmos as aeronaves pousando e decolando. Eu me sentia a pessoa mais distinta do mundo. Nem queria estar dentro do avião, só queria estar ali junto com ele. Hoje ele está lá perto dos aviões, mas está olhando por mim e velando os meus sonhos suados na minha cama-útero.

Marcella Linhares – DF

@marcelladeuumrole

Nostalgia do útero | 2025



Denise Braune – RJ

@denisebraune.art

Humanidade como verbo | 2025

Cerâmica - 60 x 120 x 35cm

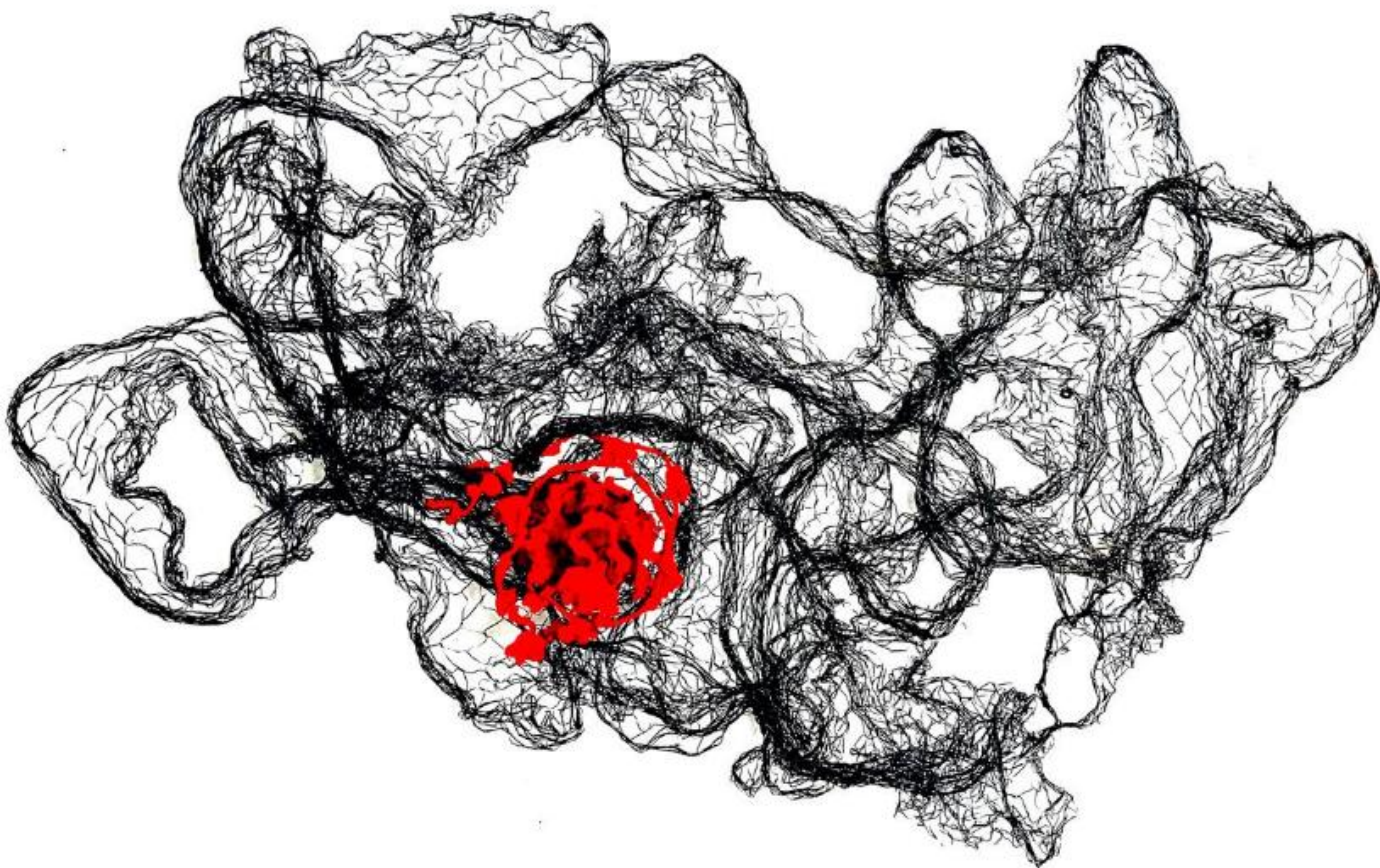


Dulce Lysyj – RJ

@dulcelysyj

Serie: "Tatuando o umano no urbano" | 2016

Nanquim e crayon sobre fotografia - 30x40 cm



Lina Ponzi – RJ

@linaponzi

Desenhos no ar | 2025

Objeto. Restos de tela, restos de algodão, lã e linha vermelha.

“No esgoto”

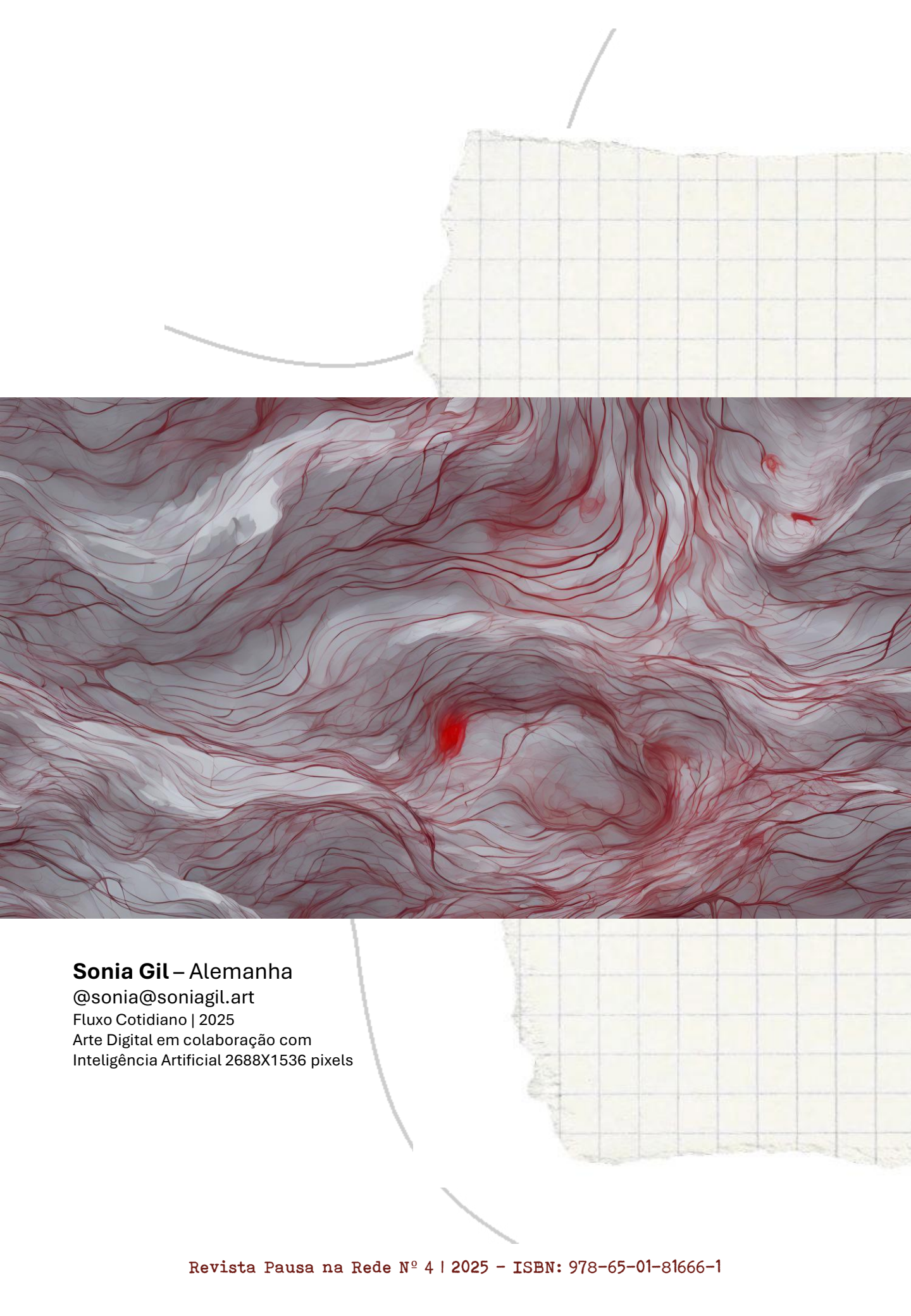
Sabendo que sua dor não
causaria nada a além de
repulsa, a barata – morta
aleatoriamente por um passante
– teve seu último pensamento:
Não queria que fosse assim.
Ruim morrer na calçada.
Vão continuar pisando...
Tomara que chova logo,
Me lave e me leve de volta
para onde eu queria estar...
No esgoto.

Natália Lima – RJ

@natalialimatmx

No esgoto | 2021-2025

Microconto/poema.



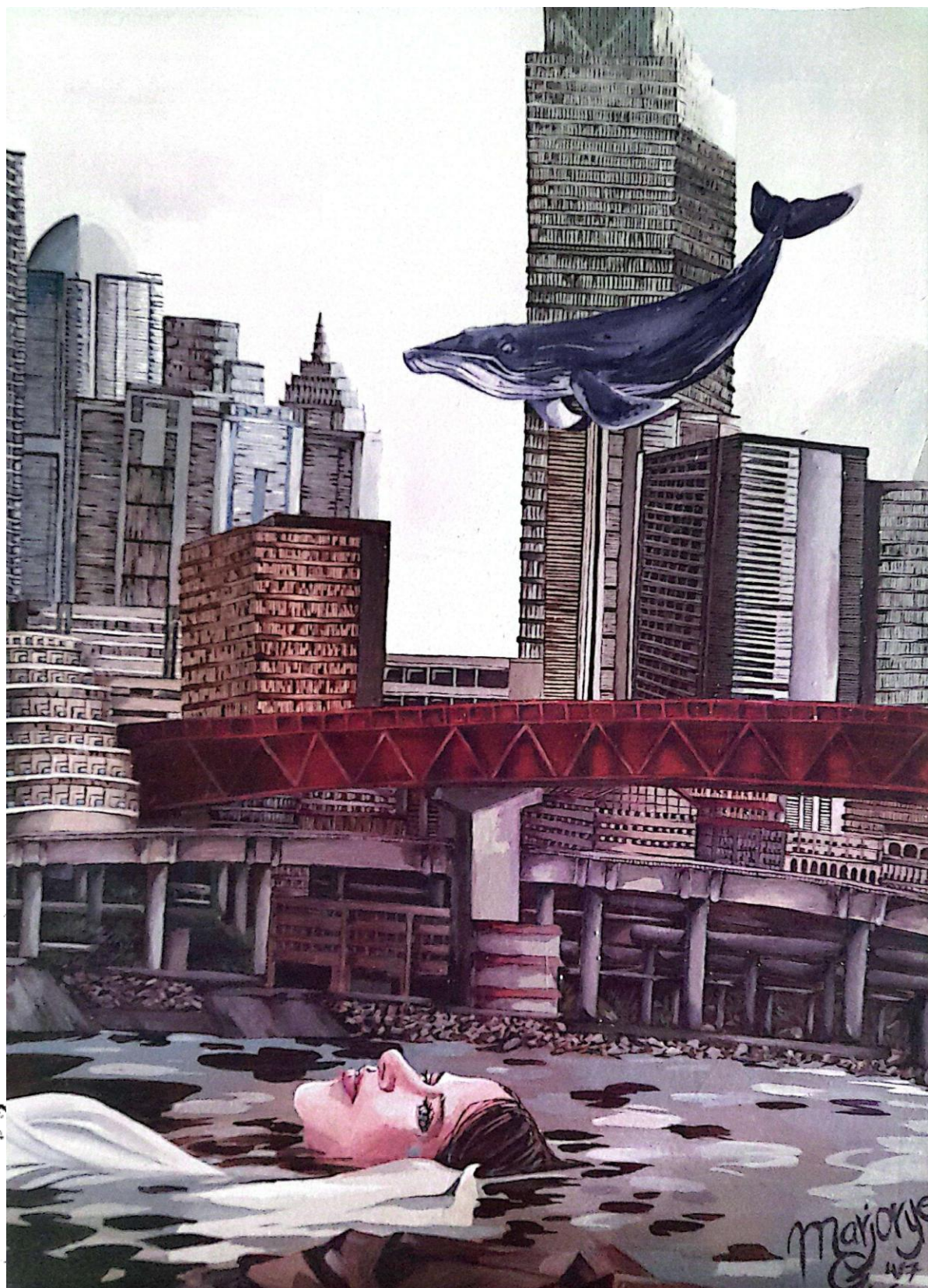
Sonia Gil – Alemanha

@sonia@soniagil.art

Fluxo Cotidiano | 2025

Arte Digital em colaboração com

Inteligência Artificial 2688X1536 pixels



Marjorye Goulart – SC

@maju.e.arte

Olhar sobre a cidade | 2025

Pintura - 50 X 40cm



Marina Gonzaga – RJ

@marinagonzaga_art

Baía do Poente

Tapeçaria de parede - 75cm x 63cm

Um por-do-sol, os pés tocam a areia morna, cheiro de verão. São tantas nunces de laranjas, rosas e azuis que me perdi. O mar, um coadjuvante, deu espaço para os últimos raios de luz deitarem sobre as nuvens. Um sopro de energia terna que afaga a pele bronzeada e salgada. Segundos de plena alegria que fundiram esse momento na memória.



Marcos Maciel – RJ
@bxd_Maciel
Desgaste | 2025
Fotografia Digital 1,80 x 1,00



Gisele Resende – RJ

@enfngisele

Pescador | 2025

Pintura - 50 X 40cm



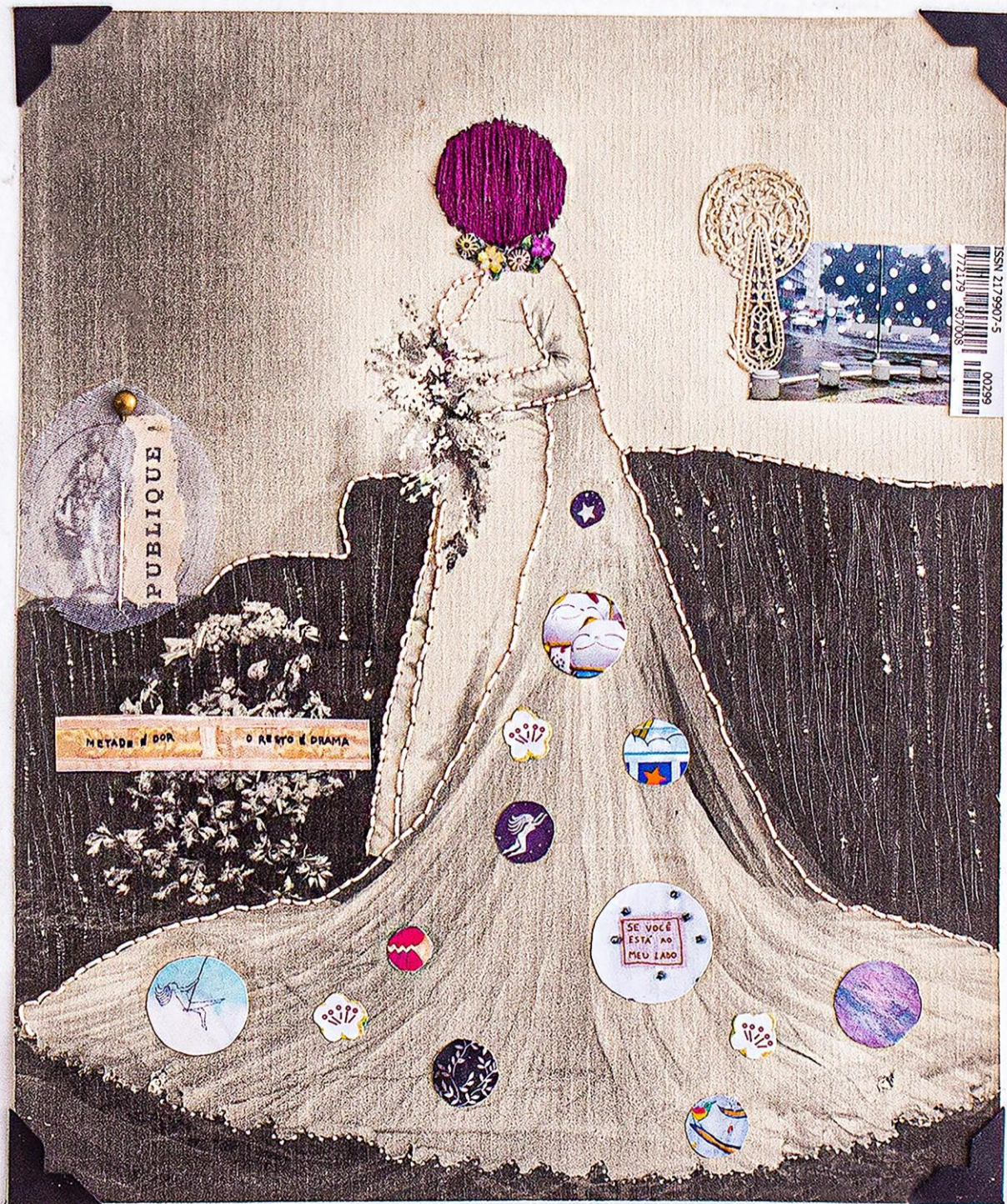
Herminio Ilustra – RJ

@herminioilustra

O monstro no quintal | 2017-2025

Nanquim sobre fotografia

ilustração – colagem – 42x31,5cm



Alessandra França – DF

@alessandrafranca.art

A Noiva | 2020

Fotografia com bordado, colagem e objetos reutilizáveis - 29 x 25 cm



Brecio Brizzi – MG

@brecioarte

Ensaio sobre a liberdade 03 | 2024

Pintura - 70 x 90 cm



Kettly Fernandes – GO

Sou Casa nº 1 Autora: (K.Fernandes) | 2020

Pintura - 30 x 50 cm





Susy Rose – RJ

@susyr_art

Silêncio interior | 2025

Pintura - 40 x 50 cm

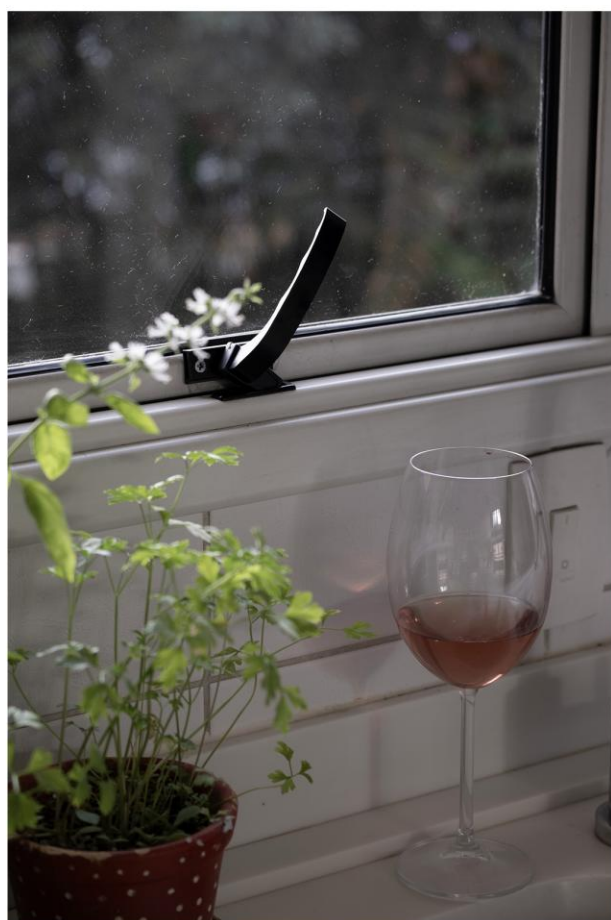


Aline Sampin – RJ

@alinesampin_art

3º expediente | 2025

Díptico Tinta óleo, acrílica e
carvão sobre mdf 10,5x16,5cm (cada)



Daniel Sul – RJ

@daniel_lus

Instantes do mesmo silêncio | 2022

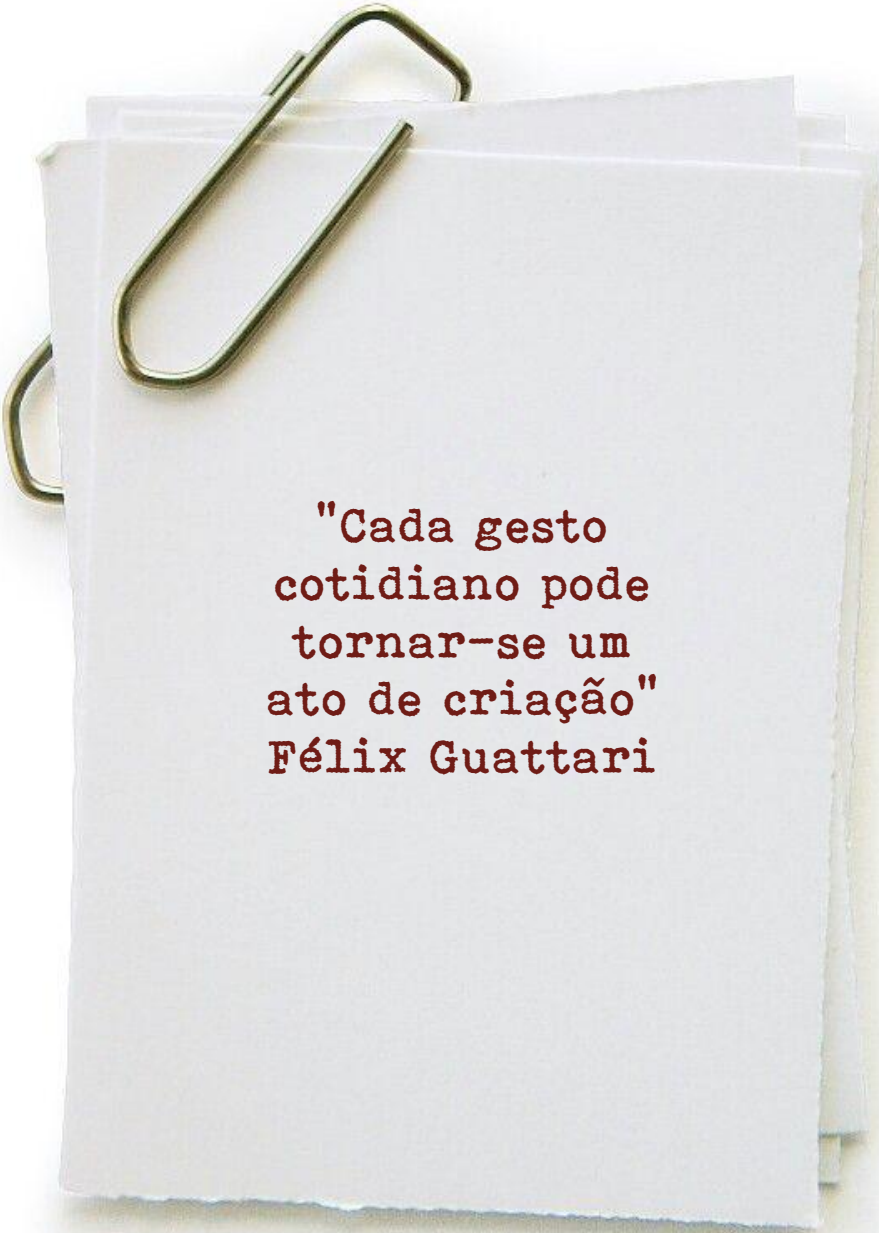
Fotografia



Rafaela Jemmene – SP

@jemmene

Fotografia da série: Usuária da Vida | 2022.



"Cada gesto
cotidiano pode
tornar-se um
ato de criação"
Félix Guattari

Levantar pelo lado esquerdo da cama
ignorando maus presságios
mas mantendo certo alinhamento político.

Sentir o tapete sob os pés
e se lembrar de tudo que se perde
quando talentos se esvaem com uma vida.

Provar a água fria sobre a cabeça
ignorando tubos, válvulas, encanamentos
e se esforçando somente no sem ~~que~~ ^{que escorre} pelo corpo.

Evitar espelhos e, assim,
manter sobre si
apenas a ~~se~~ imagem da imaginação.

Preparar o café
como quem prepara uma poção e um escudo
capaz de desdobrar o tempo.

Fechar a porta e deixar
a certeza de um espaço seguro (~~para voltar~~)
feito um casulo – ou um bunker.

Receber o sol na cara com coragem,
preguiça e humor – porque sempre é
preciso algum antídoto.

Deixar pesar sobre o mundo
somente aquilo que realmente importa:
um dia, depois outro, e outro.

Cotidiano.

Cotidiano



Janaina Cabello - SP

Poeta, tenta ser professora (ou seria o contrário?).

É PhD em Educação pela Unicamp, na linha de pesquisa Linguagem e Arte em Educação, e pesquisadora interessada em pensar e produzir a partir das palavras, das imagens, do corpo e do que escapa.

@janca_bello

Sobre nós...

TEMPO
TEM
ALMA

Abraçamos a Arte em todas as suas formas, vozes e expressões. Cada forma é um convite ao mergulho nas múltiplas potências criativas que nos chegam, nos atravessam, nos movem. Aqui, a arte se faz Revista, Oficinas de experimentação, Livros, caminhos que se entrelaçam como fios de uma mesma teia criadora. Celebramos a diversidade das linguagens artísticas. Acreditamos na arte como espaço de troca, de afeto e de transformação, seja nas vivências compartilhadas em nosso ateliê, sejam como um corpo vivo e vibrante que te alcança onde você estiver. Cada vez mais este é o nosso desejo, cultivar um espaço onde a arte se expanda, transborde, conecte e transforme.

www.temptemalma.com.br | @temptemalma



Amanda Leite

Multiartista, curadora, educadora, apaixonada por fotografia. É PhD em Educação pela Unicamp e pesquisadora sobre Arte Contemporânea e(m) apostas educativas.

@amandamleite



Claudia Linhares

É multiartista, curadora, uma das criadoras do guarda chuva artístico-cultural Tempo Tem Alma. Além de ter atuado também como gestora de carreiras e produtora executiva de renomados nomes da música brasileira

@claudialinhares

...
PAUSA...

#RPNREdição4 | 2025

REALIZAÇÃO



ISBN: 978-65-01-81666-1

APOIO



PLURAL
curadoria - produção - pesquisa

#revistaPausanaRede